

O Modelo dos "Virtuosos Religiosos" no Movimento de Renovação Carismática Católica: Os membros da Fraternidade Toca de Assis*

Paulo Victor Leite Lopes

Graduando em Ciências Sociais/ UERJ

Palavras-chave: Virtuosos Religiosos; Comunidades de Vida no Espírito Santo; Catolicismos; Weber

Key-words: Virtuous Religious; Comunidades de Vida no Espírito Santo; Weber

*Este artigo é uma nova versão do paper "Religiosidade entre jovens carismáticos: experiência de vida dos membros da Toca de Assis" apresentado no "II Simpósio Internacional sobre Religião, Religiosidades e Culturas" entre os dias 23 e 26 de abril em Dourados - Mato Grosso do Sul. Agradeço às colegas Daniela Tricilo, Janine Targino e Patrícia Silveira pelos comentários a primeira versão do artigo. O material etnográfico e as discussões apresentadas neste texto são parte da pesquisa "Os rumos atuais da Renovação Carismática em perspectiva comparada: Globalização, Reavivamentos e Fundamentalismos no Brasil" sob a coordenação da Profª Drª Cecília L. Mariz e desenvolvida por, além de mim, mais dois outros bolsistas de iniciação científica, Débora Minuzzo e Wallace Ferreira, e também pela bolsista de apoio técnico do CNPq Rosiane Silva. Esta pesquisa é financiada pelo CNPq.

¹ As Comunidades de Vida no Espírito Santo não desempenham um papel fundamental para o MRCC como os grupos de oração que, segundo CARRANZA (2000, p.45), "representam a base social da estrutura do Movimento". Contudo, o desenvolvimento da RCC no Brasil contou com a importante atuação de algumas destas comunidades de vida. São exemplos a "Canção Nova" e a "Shalom" cujo carisma principal de ambas é a "evangelização através dos meios de comunicação".

RESUMO: A partir do material etnográfico coletado em um grupo carismático católico, pretendo apresentar e discutir o modelo do "virtuoso religioso" proposto por Weber. Ao acreditar que a experiência religiosa dos membros da Fraternidade Toca de Assis é semelhante ao modelo weberiano, proponho esta reflexão como uma contribuição ao estudo do fenômeno religioso e também como uma retomada de um conceito pouco discutido.

ABSTRACT: Grounded on ethnographic data gathered within a catholic charismatic group I intend to present and bring into discussion Max Weber's "virtuous religious" framework. As I believe that the religious experience of the members from Toca de Assis Brotherhood bears relation to that Weber's theoretical model mentioned above, I hereby propose this discussion as a way of contributing to the investigation of the religious phenomenon and also as a come back to a lesser debated concept.

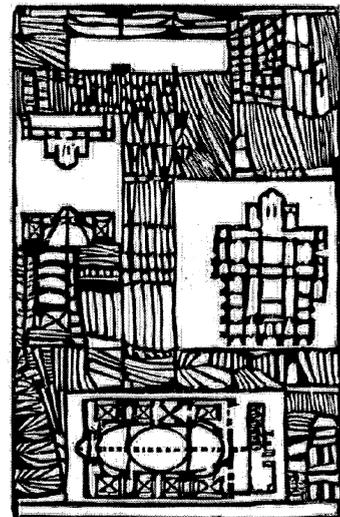
"Porque você vive o abandono, você vive o aniquilamento que o nosso senhor nos convida. É um caminho difícil, é um caminho de sofrimento, de dor, mas tudo permeado pela alegria. O senhor mesmo transformou isso em alegria, mas não deixa de ser um caminho de dor e sofrimento" (Membro da Fraternidade Toca de Assis, 25 anos).

Em seu ensaio "A psicologia social das religiões mundiais", Weber (1982) defende que a existência de distintas qualificações religiosas entre os seus agentes se trata de um dado da história da religião. Esta diferenciação se deve à impossibilidade de todos possuírem as experiências sagradas mais desejadas, isto é, em determinadas religiões alguns dons só podem ser possuídos por alguns indivíduos, tornando estes os detentores do carisma. Dada esta discriminação entre as diversas formas de experimentação da religiosidade, Weber acredita na tendência de desenvolvimento de uma estratificação de estamentos ordenada a partir dos diferentes tipos de expressões carismáticas presentes em cada grupo. Deste modo, no interior das "religiões mundiais" se desenvolve um estamento de maior experiência carismática, sendo este composto pelo que o autor chamou de "virtuosos religiosos" (1982, 1991).

No catolicismo, em específico nas *Comunidades de Vida no Espírito Santo* ligadas ao Movimento de Renovação Carismática Católica (MRCC), observamos a ocorrência de um modelo similar ao apresentado por Weber. Essas comunidades têm sido objeto de estudos de diversos pesquisadores

no Brasil e no exterior (CARRANZA, 2000; CSORDAS, 1994; MARIZ, 2006; MIRANDA, 1999; OLIVEIRA, 2003). Mesmo não compondo parte da estrutura burocrática do MRCC, estes grupos têm desempenhando um forte papel para organização e difusão deste movimento¹. A grande visibilidade destas comunidades, entre os católicos carismáticos, pode ser atribuída ao forte apelo dos serviços/ produtos que oferecem², bem como pela postura radical adotada por seus membros.

A partir das atividades da coleta de dados desenvolvidas por nosso grupo de pesquisa, percebemos algumas semelhanças entre estas comunidades e o modelo da "comunidade religiosa composta por virtuosos" (WEBER, 1982, 1991). Parte do objetivo deste trabalho é apontar aspectos que nos permitem aproximar o estilo de vida dos membros das *Comunidades de Vida no Espírito Santo* e o modelo proposto por Weber.



A partir de uma breve etnografia viso apresentar as práticas religiosas e a forma de organização comunitária presentes em um destes grupos – a Fraternidade Toca de Assis³. Desejo compreender os sentidos que os sujeitos atribuem às suas ações, buscando relacioná-los ao modelo dos “virtuosos religiosos”. Acredito que o resgate deste conceito weberiano pode ser interessante para apreender certos aspectos da religiosidade experimentada pelos membros destes grupos.

Formação, organização e desenvolvimento: os dois carismas fundadores da Toca de Assis.

Desde o seu surgimento a Toca de Assis é marcada pela participação de jovens. Segundo as informações que obtivemos, a Fraternidade foi criada a partir da atuação em pastoral de rua do Padre Roberto Letieri – na época seminarista – e mais três jovens. Fundada em 1994, em Campinas, a comunidade tem crescido de forma muito expressiva; em 1996, possuía apenas uma *casa de acolhimento* e oitenta jovens atuando; em 2002 são 45 casas e 600 jovens; e a nossa última informação, março de 2006, dá conta de 112 casas e cerca de 1700 membros.

Como na Renovação Carismática Católica (RCC), a palavra *carisma* é muito utilizada na Toca de Assis. Trata-se de um termo central cujo significado próprio é distinto do conceito weberiano. Por não estar preso à ordem vigente, o carisma é, para Weber, uma força marcadamente revolucionária, essencialmente extraordinária e irracional. Defende que por ter essa natureza extraordinária, o carisma está em oposição às ordens racional-burocrática e tradicional. Em sua sociologia da religião, o caráter contestador do carisma – quando não racionalizado – entra em franca concorrência com os funcionários da igreja constituída. Na igreja – portadora do carisma institucionalizado –, os dons são distribuídos sob uma perspectiva universal, porém guiados pelos interesses e valores de seus funcionários. O caráter autônomo do carisma em relação à igreja, aos seus funcionários e a qualquer princípio racional, é então o elemento que torna os que o possuem ameaçadores à igreja constituída. (WEBER, 1982, 1991).

Nas Comunidades de Vida no Espírito Santo, o carisma é trazido ao fundador num momento de revelação divina, tornando-se a função, o serviço, a vocação para qual o grupo foi criado. No léxico da comunidade esta revelação é definida como *chamado do Espírito Santo*. Na Toca de Assis, este chamado teria revelado ao Pe. Roberto que ele deveria fundar um grupo com atuação voltada para *os sofredores da rua* e também com uma forte base litúrgica. A Fraternidade tem toda a sua estrutura organizada a partir dos seus dois carismas fundadores. Em conferência realizada na Faculdade de Educação da USP, Pe. Roberto (2005) ao mesmo tempo em que apresenta os carismas da comunidade, exemplifica o vigor na realização destes pelos membros:

“Qual é o carisma da Toca de Assis? Adorar, adorar o corpo, o sangue, a alma e divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo, o Santíssimo Sacramento do Altar, a hóstia sagrada, o pão vivo descido do céu; e se consumir. Por quem? Pelos sofredores e sofredoras da rua. Esse é o nosso carisma, essa é a nossa identidade. Isso é o que unge, que nos dá a graça, a alegria de viver, de conviver, de amar”.

De acordo com a fala do Pe. Roberto e com as entrevistas realizadas, os carismas da Toca de Assis são *Adoração Perpétua ao Santíssimo Sacramento* e *apoio aos pobres sofredores de rua*. Dada a impossibilidade de dissociar a prática religiosa da vida cotidiana desses jovens, visto que fazer parte do grupo é interpretado como a vocação de suas vidas, é fundamental ter em vista a realização destes carismas para pensar a rotina diária dos membros. É recorrente nas conversas e entrevistas a afirmação de que eles *vivem para o carisma*. Isto é, não há espaço/possibilidade para qualquer compromisso além daquele mantido com a Toca de Assis. A vocação de suas vidas é o cumprimento do carisma, e o abandono dos compromissos pregressos à adesão constitui passo fundamental para a participação no grupo. Estudo, trabalho e família são interdições ao ingresso na Fraternidade. Atividades externas a Toca são encaradas como concorrentes à comunidade e, por isso, vedadas aos membros.

O primeiro carisma, *Adoração Perpétua ao Santíssimo Sacramento*, consiste no acompanhamento constante, em oração, do Santíssimo Sacramento. Durante vinte e quatro horas, todos os dias, há um membro da comunidade em atividade de adoração ao Santíssimo. Pudemos observar que esta atividade sempre estava associada a algo que dava força aos membros, a um ‘novo gás’, e também como um compromisso que pelo tipo de esforço físico exigido tornava-se, por vezes, um sacrifício:

“Então, tem que é o Santíssimo Sacramento, é onde... é o centro, é o ápice da vida cristã. O centro da nossa vida, que nos faz de comunhão. É isso que dá ao nosso coração radicalidade, essa coragem e audácia de enfrentar também esse desafio da vida religiosa. É o Santíssimo Sacramento. Então nós temos 3 horas de adoração individual, cada um, em posição angélica, de joelhos, em Silêncio Santo da Alma, nós chamamos assim, então, nós permanecemos em silêncio dentro da capela, sem movimentos, de joelhos, em posição angélica, 3 horas por dia”. (Membro da Toca de Assis, 25 anos).

Esse ato litúrgico é uma das marcas do grupo. Todas as casas da comunidade comportam uma *Capela de Adoração* onde o Santíssimo fica exposto para a realização do carisma. O cumprimento individual do período discriminado na escala de

² Estes serviços que vão da “ministração de cura”, passando pela “evangelização através dos meios de comunicação”, até “Adoração ao Santíssimo Sacramento”, conformam duas características do “ethos” individualista dos fiéis católicos carismáticos: o reavivar da fé católica e a experimentação de uma espiritualidade particular. (CARRANZA, 2000; MACHADO, 1996).

³ Apesar de seus integrantes não se identificarem como uma comunidade de vida, em acordo com Carranza (2000) e Mariz (2005), acredito que há uma série de sinais que permitem esta associação. Ao defender esta hipótese Mariz afirma: “... a trajetória de seu fundador, a de seus membros e a dinâmica de crescimento e funcionamento dessa comunidade se assemelham muito com as demais comunidades citadas, além do mais há uma ligação forte entre a Toca de Assis e a Canção Nova como mostra Eliane Martins Oliveira (2003)” (2005, p.254).

adoração é de grande importância para o grupo. Contudo, a escala de três horas – informada no trecho transcrito logo a cima – não é fixa. A distribuição de horas em adoração é realizada conforme o número de membros presentes na casa.

O cuidado com os *sofredores de rua*, o segundo carisma do grupo, é realizado em duas direções: uma atuação diretamente na rua, no vocabulário dos membros que realizam a *pastoral de rua*, e a outra voltada para o atendimento no interior das casas da comunidade, chamadas *casas de acolhimento*. É interessante constatar que em relação a este carisma também há uma afirmação de um esforço físico por parte deles. Um entrevistado definiu assim o trabalho de pastoral de rua:

“Então a gente sai pra rua, temos a Pastoral de Rua, então ficamos de manhã, de tarde e às vezes até de noite. Às vezes dormimos com eles até na rua, né, diante de uma realidade, de uma personalidade, a condição que o irmão se encontra, né. Às vezes é muito flagelado pela sociedade, então a nossa presença muitas vezes incomoda porque foi muito maltratado numa instituição, foi muito maltratado no trabalho público, né”. (Membro da Toca de Assis, 19 anos).

Na pastoral de rua que acompanhamos, os toqueiros seguiam com uma caixa de alimentos [biscoitos e sanduíches], garrafas [café e água] e utensílios para curativos. Eles não abordavam ninguém; aguardavam parados no local. A maioria das pessoas vinha em busca do lanche, alguns faziam curativos, mas não presenciamos nenhuma conversa religiosa com os mendigos. Contudo, nas entrevistas os toqueiros nos informaram que buscavam evangelizá-los durante essas atividades. É interessante observar a diferenciação, presente em todos os relatos, entre a forma que os toqueiros se comportam e o atendimento prestado nos serviços públicos. Relatam-nos algumas situações de atendidos, que por terem sido rejeitadas em hospitais, chegaram a uma das casas da Toca e lá receberam o tratamento negado nos serviços públicos. Nestes relatos, há uma ênfase nas dificuldades em realizar o serviço e no grande orgulho e esforço que é prestá-lo.

Nas casas de acolhimento, as atividades são bastante similares as que são realizadas pela *pastoral de rua*. A diferença está no público que é mais restrito. O alvo do atendimento nestas casas são os acolhidos que residem nelas. Quando visitamos uma destas casas, presenciamos toqueiros cortando cabelo, barba e unha dos acolhidos; outros faziam curativos e distribuíam os remédios; outro grupo estava na cozinha preparando a alimentação e alguns entretinham os atendidos com conversas e jogos. As atividades eram distribuídas de forma que todos estivessem atuando sem perder de vista a obrigação da *Adoração Perpétua ao Santíssimo Sacramento*.

“Deus guarda seus eleitos”

A frase acima dita por nossa entrevistada é interessante porque marca bem a posição deles como membros da Toca de Assis: eleitos. Contudo, isto não quer dizer que eles acreditem ser os únicos salvos por deus. A marca desta ‘eleição’ é presente na afirmação de que receberam um *chamado de Deus*, e que este teria sido o motivo para adesão ao grupo. Os membros são unânimes em afirmar isso; nenhum dos entrevistados informou um motivo diferente, todos receberam um *chamado do Espírito Santo*, mais forte que eles ou que qualquer coisa que pudesse tentar impedir a entrada no grupo. Neste sentido, foram nos relatados casos de abandono de namoros e noivados, em outras situações do curso superior que faltava cumprir um semestre, outros contam de empregos e etc. Segundo eles, o chamado vem e leva a uma mudança imediata.

“(...) é sua vida, eu dei meu sim pra Jesus, Jesus me chamou, Jesus eu vou entrar pra Toca e vai ser pra sempre né, então eu não posso entrar assim, de qualquer jeito, tem que ter uma preparação, eu tenho que conhecer, então tem a pastoral vocacional que faz o acompanhamento dos irmãos”. (Membro da Toca de Assis, 25 anos).

É importante destacar que os membros da Toca de Assis não acreditam que a proposta de vida do grupo é para todos. Há uma *pastoral vocacional* que tem como uma de suas funções acompanhar as pessoas que desejam ingressar na Toca. Segundo um dos nossos entrevistados, o responsável pela pastoral buscará

“ver se realmente é um chamado ou só um desejo, por que muita gente com vontade, às vezes acha bonito né, tem vontade, mas vida consagrada não é isso, vida consagrada não é porque acha bonito, porque tem vontade, vida consagrada é porque quer doar a vida, né”. (Membro da Toca de Assis, 23 anos).

Observa-se que esta *doação da vida* somente é facultada aos que receberam o *chamado*. Para ser admitido à Toca de Assis o sujeito deve ter esta experiência mística, deve ser portador deste carisma, elemento que marca a vocação do sujeito para compor a Fraternidade. É interessante que neste ponto há uma grande aproximação com o modelo dos virtuosos religiosos. A religiosidade dos virtuosos não é destinada a todos. É certo que ela exerce influência sobre a religiosidade das massas, sem, contudo, transmitir àquela o tipo de experiência religiosa que vivenciam – há uma busca por uma orientação de condutas, mas não uma perspectiva de que todos se tornem virtuosos (WEBER, 1982, 1991). Assim, observamos na Toca de Assis o mesmo procedimento apontado por Weber no modelo que desenvolve: somente os qualificados religiosamente – a

partir de sua experiência carismática – têm sua adesão aceita.

É interessante destacar o cruzamento das categorias *chamado*, *carisma* e *vocação* presente nos discursos dos membros. A vocação do sujeito é marcada pelo carisma, de modo que, se ele o possui, trata-se de sua vocação a participação na Fraternidade. No entanto, a posse do carisma é mediada pelo acontecimento do chamado, usualmente, atribuído ao *Espírito Santo*. Assim, esta tríade compõe a gramática discursiva sobre como os membros do grupo interpretam a sua adesão, sendo então estruturante para a compreensão da Fraternidade.

“Tudo que faz parte do carisma é exercido com intensidade”

A frase que inaugura esta sessão foi dita por um dos nossos entrevistados. Ao apresentarem as suas vidas e práticas, os próprios membros afirmam essa intensidade, a *entrega* que lhes é pedida. Nos relatos sempre são trazidas situações que marcam um maior esforço na dedicação à comunidade. Além das situações relacionadas ao carisma – como acordar durante a madrugada para cumprir a sua escala de adoração ou prostrar-se de joelhos durante horas no cumprimento da mesma, ou então se dedicar ao cuidado de ferimentos e doenças e durante a realização deste serviço ser maltratado pelos atendidos que lhe são desconhecidos⁴ – existem narrativas sobre outras dificuldades, como, por exemplo, a distância da família ou, mesmo, a ausência de certos confortos.

“Nós dormimos no chão, nós dormimos em esteiras, nós não temos cama, nós não temos quarto, nós dormimos debaixo da cama dos irmãos, aqueles que estão mais doentes, alguns dormem do lado da capela que devem sair pra... deve fazer o revezamento da madrugada pra adoração. Então, nós não temos roupa...” (Membro da Toca de Assis, 19 anos).

Como apontou Mariz (2005), exercícios de sacrifício individual constituem uma forma eficaz de fortalecimento de identidade coletiva. A partir destas dificuldades uma comunhão entre os membros pode ser gerada. É interessante que na própria organização da Fraternidade há um espaço para essa troca entre os toqueiros. Um de nossos entrevistados informou sobre a existência da *partilha de formação*. Sobre o evento ele narra a experiência:

“É uma formação enorme. Porque diante de alguma dificuldade que você tá tendo, assim, na convivência entre os pobres ou na adoração, um momento de aridez que você tá ali vivendo e você consegue enfrentar diante do conhecimento que você tem e algum outro religioso também, partilhando o coração, demonstra a mesma fragilidade, a mesma fraqueza, mas naquela luta

diária, então isso trás ânimo, trás incentivo pro coração. Ó, muitas vezes que um religioso passou por alguma condição, né, de provação e venceu e algum outro tá vivendo aquele presente momento e pode se basear no testemunho do irmão e vencer também, né”. (Membro da Toca de Assis, 25 anos).

Segundo ele, este evento – com periodicidade semanal – é formado pelos membros de todas as casas da região. Os encontros, que contam com uma média de 40 membros, duram cerca de quatro horas. Há também uma *partilha fechada*: esta é realizada somente pelos membros de uma casa e pode chegar a oito horas de duração.

A partir dos relatos das atividades acima descritos, somado ao fato de que estes jovens abandonam ideais de realização profissional, projetos de estudo e construção de família, pode-se considerar que há um sacrifício não só na realização de práticas que exigem um esforço físico e emocional maior, mas também uma idéia de sacrifício de si. Estes jovens abandonam qualquer tipo de projeto individual, nos termos da sociedade moderna, em direção ao grupo⁵. Informa uma entrevistada:

“Agronomia, engenheira agrônoma, eu queria, uma coisa que eu gostaria de ter feito assim, mas aí eu segui a vontade de Deus”. (Membro da Toca de Assis, 23 anos).

A discussão apresentada por Lindholm (1993), sobre a perda da identidade na experiência de “veneração” ao líder carismático, pode ser interessante para contemplar este ponto do trabalho. Segundo o autor, é próprio das sociedades que passam por momentos de grandes transformações o surgimento de grupos e líderes carismáticos. Os antigos valores e costumes que constituíam as bases de interação entre os sujeitos, e, assim, da interpretação de si foram destruídos. A ausência de limites sociais definidos para a concorrência e a abertura para uma série de possibilidades antes não avistadas são outras marcas que caracterizam esta época. A partir deste cenário, defende Lindholm (1993, p.10), “não é sempre que uma simples promessa de vida material satisfatória motiva as pessoas. Pelo contrário, aqueles que se vêem desvalorizados e confusos pela desintegração do tecido social estão prontos a abrir mão de uma identidade, já prejudicada, em troca da aceitação em um grupo no qual, devido a sua intensidade e objetivo, a existência se transforma em algo transcendente”. A perda de identidade, na verdade, é uma troca que o membro do grupo carismático realiza. Ao invés de investir no desenvolvimento ou manutenção de uma identidade própria, pessoal, estes sujeitos, já suscetíveis a uma identificação com o grupo e/ou líder, podem receber esta identidade “transpessoal” (LINDHOLM, 1993). É importante destacar que todos os membros que entrevistamos, bem como, segundo estes, a maioria dos

⁴ Estas situações não estão transcritas, mas foram trazidas em entrevistas e conversas informais.

⁵ Sobre a relação entre os jovens e as Comunidades de Vida no Espírito Santo ver Mariz (2005).

membros do grupo, antes de aderirem a Toca de Assis participavam de Grupos de Oração ou de outras atividades promovidas pela RCC.

A interpretação de Lindholm (1993) faz eco com a discussão de Bauman (2003) a respeito do ideal da "comunidade". Para o segundo autor, a entrada numa comunidade está marcada pela liquidez presente na modernidade. O ideal de comunidade traria consigo uma série de valores opostos aos que são observados como ordenadores da vida na sociedade moderna. Assim, a comunidade – "paraíso perdido" na Terra – seria o refúgio para o sujeito moderno. Entretanto, na "comunidade real" não se encontraria liberdade. Para Bauman, ou se tem segurança e se perde a liberdade (na comunidade real), ou se opta pela vida com liberdade e sem segurança (sociedade moderna). Desta forma, na comunidade real também há o abandono da identidade, tendo em vista que as disciplinas existentes, que acabam por cercear a liberdade dos sujeitos, limitam as possibilidades de construção de si.

Conclusão

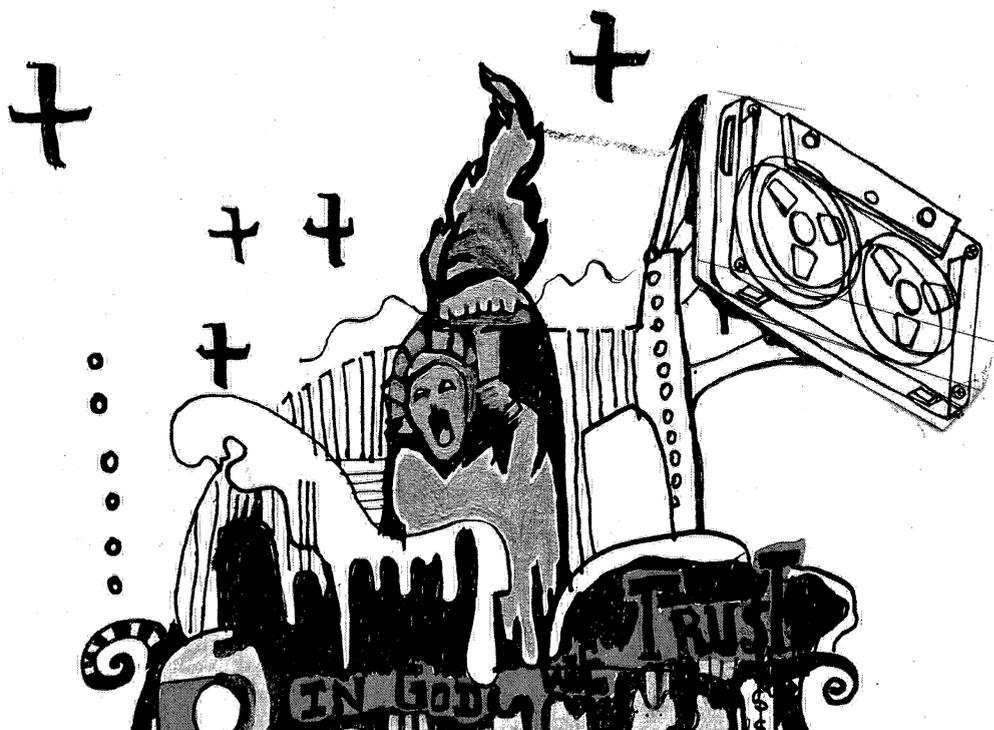
Ao visitarmos as comunidades de vida observamos que entre os membros destes grupos grande parte era de jovens. A partir desta regularidade passamos a refletir sobre como se constrói a atração destes jovens por estas comunidades. Um caminho de explicação a ser considerado é o apresentado por Mariz (2005), onde a autora, a partir de uma análise da construção social a respeito desta faixa etária, defende a existência de uma afinidade eletiva entre os jovens e a adesão a um projeto de comunidade. Afirma, ainda, ser características desta faixa etária a prática de atitudes altruístas e um forte pertencimento quando estes aderem a um grupo – independente da natureza deste. Interessante notar que assim como ocorre com os virtuosos, a religiosidade

experimentada pelos jovens é também vivida de forma muito intensa. Nos relatos sobre a Toca de Assis as ações altruístas marcam a trajetória dos seus membros. Arriscamos afirmar que há uma afinidade entre uma subjetividade juvenil e a espiritualidade dos virtuosos.

Ainda em relação às práticas altruístas, quase sacrificiais, uma chave de interpretação interessante pode ser recorrendo novamente ao modelo do virtuoso religioso. Compreendendo o virtuoso como um instrumento de deus no mundo, eleito por suas virtudes éticas, torna-se um imperativo a ele comprovar, a si mesmo, a sua "espiritualidade virtuosa" (WEBER, 1991). A prática de atitudes, que em dados momentos se aproximam a sacrifícios, pode ser vista como a forma que os membros da Toca de Assis encontraram para afirmar seu virtuosismo. Assim, as atitudes descritas acima são um meio para a afirmação de sua qualificação religiosa e de sua salvação.

Complementar à interpretação apresentada logo acima, podemos considerar que estes atos sacrificiais dos toqueiros constituem também uma forma de garantir a preferência ideal e material das massas diante de um mercado religioso com diversas opções. A realização de trabalhos profanos é uma atividade que pode colocar em risco a salvação dos virtuosos. Sem se constituir, propriamente, em uma unidade de produção auto-suficiente, a comunidade dos virtuosos sobrevive devido a doações que recebe. Assim, a entrega e sacrifício dos membros destes grupos, em nosso caso a Toca de Assis, pode ser a forma de garantir a preferência das massas a partir deste status de maior empenho na dedicação religiosa.

Quanto mais desvalorizado for o mundo religiosamente, mais ele se constituirá como um meio de afirmação do virtuoso de religiosidade ascética; o virtuoso estará cada vez mais certo



de que este é o local próprio para realizar a sua vocação. A crítica aos valores e interações do mundo, o relativo distanciamento devido a esta crítica, contraposto com uma atuação direcionada a este mesmo mundo – algumas das características apresentadas por Weber como próprias das comunidades religiosas de caráter ascético ativo – pode ser observado na Toca de Assis. O religioso de espiritualidade asceta-ativa está em prova todos os dias, e suas ações constituem uma forma de comprovação de seu estado de religioso especial.

Contudo, não podemos perder de vista o caráter místico do grupo. Ao tratar da religiosidade de tipo místico, Weber aponta como característico deste grupo o desejo de “possessão” do sagrado pela não ação no mundo (1982). É importante destacar que o carisma da *Adoração ao Santíssimo Sacramento*, apresentado como o primeiro carisma do grupo, e mesmo se constitui como um elemento que marca o grupo no meio católico, não vai além do que Weber caracterizou. Há uma forte ênfase no caráter fundamental que é para os membros a realização deste carisma, trata-se de uma aproximação, da comunhão com

o sagrado. Além da *adoração*, a própria ação que num primeiro momento pode ser pensada como ‘no mundo’ deve ser relativizada. A realização dos serviços em direção aos *sofredores de rua* aparece nas falas sempre como uma comprovação de um esforço e não como algo que visa resolver o problema dos que são atendidos. Desta maneira, a ação no mundo, não necessariamente, visa aos seus atendidos. Na verdade, ela pode se constituir como uma forma de ligação com Deus, tendo como um meio os atendidos pelo grupo. Assim, a ação no mundo não se direciona ao mundo, mas ao estabelecimento de uma relação com o sagrado.

Neste artigo, busquei estabelecer a relação entre a experiência de vida dos membros da Fraternidade Toca de Assis e o conceito weberiano do “virtuoso religioso”. Percebemos, então, que uma série de características certificam esta aproximação. Constituindo uma comunidade de virtuosos, os membros da Fraternidade têm uma característica religiosa que Weber já ressaltava: a busca da salvação pela renúncia do mundo com uma perspectiva de reunião de uma religiosidade mística com ascética.

Submetido para publicação em 11 de setembro de 2006.
Aprovado para publicação em 01 de novembro de 2006.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zygmunt. (2003), *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- CARRANZA, Brenda. (2000), *Renovação Carismática: Origens, Mudanças, Tendências*. Aparecida, SP, Editora Santuário.
- CSORDAS, Thomas. (1994), *The Sacred Self: Cultural Phenomenology of Charismatic Healing*. Berkeley: University of Califórnia Press.
- LETTIERI, Roberto. *Os miseráveis e a exclusão: o trabalho da Fraternidade Toca de Assis*. Disponível em www.hottopops.com/seminario/sem2/peroroberto.htm. Acesso em: 13 de maio de 2005.
- LINDHOLM, Charles. (1993), *Carisma: êxtase e perda de identidade na veneração do líder carismático*. Tradução de Carlos Augusto Costa Ribeiro. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- MACHADO, Maria das Dores C. (1996), *Carismáticos e Pentecostais: adesão Religiosa na esfera Familiar*. Campinas, SP, Editora Autores Associados: São Paulo, SP, ANPOCS.
- MARIZ, Cecília L. (s/d), “Comunidades de Vida no Espírito Santo: um novo modelo de família?”, in L. F. D. Duarte et al (org.), *Família e Religião*, Rio de Janeiro, Contra Capa.
- MARIZ, Cecília L. (2005), “A Juventude e Religião: reflexões a partir de dados sobre as Comunidades de Vida no Espírito Santo”. *Tempo Social — Revista de Sociologia da USP*, 17, 2: 253-273.
- MIRANDA, Júlia. (1999), *Carisma, sociedade e política: novas linguagens do religioso no político*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- OLIVEIRA, Eliane Martins (2003), *O novo canto da Canção Nova*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPCS), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), datilo.
- WEBER, Max. (1982), *Ensaio de Sociologia*. 5ª edição Rio de Janeiro, Zahar Editores.
- WEBER, Max. (1991), “Sociologia da Religião”. in Weber, Max. *Economia e Sociedade*. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília, DF, Ed. Universidade de Brasília; São Paulo, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, p. 279-418.

Paulo Victor Leite Lopes é graduando em Ciências Sociais na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e bolsista de iniciação científica do CNPq na pesquisa: “Comunidades de Vida: Juventude, Missão e Cultura Política entre católicos reavivados” coordenada pela Profª Drª Cecília Loreto Mariz. Áreas de interesse: Religião e modernidade; religião e sexualidade.

E-mail: pvlite@gmail.com